

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

HISTÓRIA

DOCUMENTOS “SENSÍVEIS” NO BRASIL NUNCA MAIS DIGIT@L: UM ESTUDO DA GUERRILHA DO ARAGUAIA ATRAVÉS DO CASO DA FAMÍLIA GRABÓIS

¹Joana Barbosa (IC-PIBIC); ¹Icléia Thiesen(orientador).

1 – Departamento de História; Instituto de Ciências Humanas; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Apoio Financeiro: CNPq

Palavras-chave: Araguaia; documentos sensíveis, ditadura militar.

INTRODUÇÃO

Estamos completando o 50º aniversário do Golpe que deu origem a Ditadura Militar, que durante vinte e um anos manteve nosso país em um regime totalitário comandado por militares. Revisitar esse período da nossa história tem sido uma constante durante esse ano, trazendo a tona novas informações sobre o assunto. Além disso, estamos presenciando o último ano de atividade da Comissão da Verdade, que vem desempenhando um papel importante para aqueles que buscam uma resolução para muitas histórias que ficaram em aberto durante esses mais de cinquenta anos.

Durante todo esse regime autoritário no Brasil, muitos grupos políticos colocados fora do cenário político formal, pelas leis impostas pelos militares na época, recorreram a “ilegalidade” para continuar suas atividades. Um desses grupos político, o PCdoB (Partido Comunista do Brasil) – uma dissidência do PCB (Partido Comunista Brasileiro), começou a articular na região norte do país – que compreendia uma área entre as divisas estados do Pará, Maranhão e Goiás (atual Tocantins), uma guerrilha armada com o intuito de enfrentar o exército brasileiro. Esse caso ficou conhecido como a Guerrilha do Araguaia.

Tendo como um dos líderes o baiano Maurício Grabois – acompanhado também de João Amazonas e Ângelo Arroyo, os militantes do partido do PCdoB foram para essa região e treinaram técnicas de guerrilha. Com a descoberta do movimento pelas Forças Armadas, o confronto entre as suas frentes acabou sendo inevitável. No final, o exército contava com cinco mil militares e cerca de oitenta guerrilheiros (aqui incluídos membros locais que se juntaram ao PCdoB). A resistência foi derrotada e muitos integrantes da guerrilha ainda hoje continuam desaparecidos. Observando a trajetória de Grabois durante a guerrilha, essa pesquisa tem como finalidade reunir e analisar documentos desse evento conhecido como Guerrilha do Araguaia, principalmente os que foram produzidos pelos militares entre os anos de 1966 e 1974.

Sabe-se que durante o Regime Militar muitos documentos das ações dos militares no combate a guerrilheiros, foram produzidos e muitos também destruídos. Até recentemente dizia-se inclusive que não restaram quaisquer documentos sobre a experiência do Araguaia. O discurso dos militares foi, no entanto, desmentido em diversas ocasiões, com a publicação de livros e várias matérias em jornais e revistas.

Atualmente, com a Lei de Acesso à Informação, reunião, organização e disponibilização de documentos que “sobreviveram” e depoimentos de sobreviventes, os pesquisadores sobre a Ditadura Militar conseguem transmitir em seus trabalhos um pouco do que aconteceu durante as prisões, perseguições e guerrilhas – e o aniversário do Golpe tem sido um motivador para que muito mais desses trabalhos ganhem visibilidade. Entretanto, é preciso atenção no manuseio desse tipo de documento, que pode conter uma informação falsa, pois sabe-se, por exemplo, que muitos presos mentiam em julgamento para escaparem das torturas e punições. Assim, ao trabalhar especificamente com os documentos produzidos sobre a Guerrilha do Araguaia no período da Ditadura Militar – usando especialmente os arquivos do Brasil Nunca Mais Digit@l e os processos do Superior Tribunal Militar (STM), além de entender o episódio em si, pretendo também perceber até que ponto os documentos produzidos pelos militares revelam uma “verdade” sobre o fato, ou seja, descobrir onde está o tesouro e a miragem (THIESEN: 2012) naquele material produzido durante a guerrilha.

Um tema de estudo como a Ditadura Militar, e a própria Guerrilha do Araguaia, ainda são capazes de gerar muitos questionamentos e conhecimento atualmente. O trabalho feito pela Comissão da Verdade e o incentivo que os cinquenta anos do Golpe Militar estão dando para a produção, e mesmo republicação, de trabalhos sobre o assunto, são um exemplo disso. E, o mais importante, todos esse conhecimento novo e discussão sobre esse evento tão marcante na história do nosso país só mostra o quanto ainda precisamos falar sobre o assunto, debatê-lo além do ambiente acadêmico. Tentar resolver, mesmo que um pouco, a inquietação que muitos sentiram, e ainda sente, desde cinquenta anos atrás.

OBJETIVO

Caracterizar e analisar os constantes dos arquivos do projeto Brasil Nunca Mais. Os documentos consistem no material doado por Thaís documentos produzidos no episódio conhecido como Guerrilha do Araguaia, Moraes à COREG e nos documentos reunidos no projeto Brasil Nunca Mais Digit@l.

Outro ponto importante nesse trabalho, e que criaria o diálogo com a pesquisa da minha orientadora, é o manuseio e análise desses documentos “sensíveis”, entendendo o contexto de sua produção e como explorá-los em estudos como o do período da Ditadura Militar.

METODOLOGIA

Para realizar os objetivos propostos nesse projeto, o trabalho metodológico consistiu na reunião, organização e análise dos documentos sobre o episódio estudado – a Guerrilha do Araguaia. Como citado no objetivo, esses documentos consistem no material doado por Thaís Moraes à COREG e nos documentos reunidos pelo projeto

13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Brasil Nunca Mais Digit@l. Com base nesse objetivo e em uma forma de dialogar com o trabalho da minha orientadora, essa análise dos documentos teve a intenção de colocar tanto os documentos doados pela Thaís Morais e os processos do Supremo Tribunal Militar (STM) em discussão, procurando as diferenças de discurso de um para outro. Sabe-se que o teor desses documentos, chamados “sensíveis”, é muito delicado, visto que sua produção é feita em momentos limites e que transgridem os Direitos Humanos, deixando marcas profundas na sociedade e um questionamento sobre a “verdade” contida nessa documentação. A Ditadura Militar produziu muitos documentos desse teor, e foi necessário analisar além do que estava escrito nesses processos judiciais. Por isso, a leitura dos textos de Thaís Morais, e que continham os documentos doados por ela para a COREG, foi importante, visto que é um contraponto a esse material produzido nos processos do STM.

Uma delimitação maior dessa documentação também foi necessária, pois a quantidade de menções a membros da guerrilha em outros processos e depoimentos, nem sempre relacionados especificamente com o PCdoB e a Guerrilha do Araguaia, era enorme. Assim, decidimos trabalhar com o caso da família Grabois, que teve dois membros que participaram ativamente da Guerrilha do Araguaia: Maurício Grabois e seu filho, André Grabois. Trabalhei especificamente com Maurício Grabois por seu nome ser mais acessível durante os processos encontrados no decorrer do caminho.

Os processos com os quais trabalhamos também foram delimitados. Dessa forma, a leitura se aprofundou mais nos processos BNM 043 e BNM 693, onde o nome de Maurício Grabois está entre os acusados. A partir de então, a leitura começou a ter um foco maior e pudemos chegar a uma análise mais concisa da documentação e literatura reunida.

RESULTADOS

Trabalhando com os processos do Superior Tribunal Militar, o que primeiro chama a atenção é que as acusações pertinentes a Maurício Grabois não estão relacionadas a Guerrilha do Araguaia. A principal denúncia deve-se a existência e atividade do PCdoB (Partido Comunista do Brasil). Não só ele, como outros membros do partido também são indiciados.

Durante o decorrer desses processos, a Guerrilha do Araguaia é mencionada algumas vezes, ligadas estritamente a uma agenda de atividades do próprio PCdoB. Dessa forma, esse evento torna-se um exemplo do ideário do partido e um dos vários motivos para sua deflagração e a prisão dos acusados ocorrer. Ao final desses dois processos, o BNM 043 e BNM 693, Maurício Grabois, junto com alguns outros acusados, são absolvidos de suas acusações por falta de provas.

Já com o material trabalhado da Thaís Morais, que consistiu especificamente nos seus livros Operação Araguaia e Sem Vestígios, existe uma descrição de como aconteceu a Guerrilha do Araguaia, a ação dos militares e a morte de muitos guerrilheiros. Entre esses militantes mortos, segundo esses documentos, encontramos o nome de Maurício Grabois. Em nenhum momento da leitura, percebe-se que Maurício foi “absolvidos” de suas acusações no STM, visto que uma ação militar maciça foi enviada para acabar com essa guerrilha organizada no Araguaia.

É interessante notar que os processos tem um data de duração longa. Mesmo que alguns processos, ou denúncias relacionadas a esses processos, tenham começado antes da ida de Maurício Grabois para a região do Araguaia, muitas das denúncias contra o acusado continuam vigentes até 1977. Inclusive, em um desses processos, acusado “atualmente encontra-se “descontatado”, encontrando-se em local incerto e não sabido” (BNM 043, pág. 24). Quando colocado em discussão com o material de Thaís Morais, essa informação entra em desacordo, não só pela informação contida, como também pelas datas que o processo está tomando e a data de morte do próprio acusado - que já teria sido morto em dezembro de 1973.

CONCLUSÃO

Com base nas análises dos documentos propostos por essa pesquisa, os processos existentes no Brasil Nunca Mais Digit@l, e a leitura da literatura pertinente, principalmente o material publicado por Thaís Morais, pode-se perceber que existe uma divergência de informação entre ambos. Considerando o propósito inicial da pesquisa de se observar as possíveis “verdades” existentes dentro dos documentos produzidos pelos militares durante a Guerrilha do Araguaia, trabalhando em específico a situação de Maurício Grabois, e a partir daí entender como deve ser feita a análise de um documento “sensível”, acredito que essa divergência é resultado esperado.

A divergência entre um documento e outro só mostra, principalmente do lado dos militares, a necessidade de uma omissão de informações. No final do livro Operação Araguaia, Thaís Morais e Eumano Silva mostram que houve uma tentativa de silenciar os acontecimentos da Guerrilha do Araguaia para o grande público. Não só isso, como também os próprios familiares ficaram sem a informação. Omitir em um texto judicial, como é o caso dos processos BNM 043 e BNM 693, a morte de guerrilheiros como Maurício Grabois, só mostra essa tentativa de silenciar um evento. Só muito tempo depois, com o decorrer de pesquisas e documento a mais sobre o evento, é que esse silêncio causado pelas informações transmitidas pelos militares começou a ser sanado.

Acredito que não só no caso da Guerrilha do Araguaia e o de Maurício Grabois, como o também de outros julgados pelo Supremo Tribunal Militar é possível encontrar divergência com outros documentos e pesquisas. Esse tipo de resultado então ajuda a perceber o tipo de olhar que devemos ter ao trabalhar com esse tipo de documento “sensível”, percebendo não só contexto, mas sabendo identificar o tesouro e as miragem (THIESEN: 2012) em cada documentação. Não podemos nos deixar encantar pelo documento, e não perceber essas nuances em sua composição. Nesse caso, mesmo que nem todas as informações sobre o caso da Guerrilha e de Maurício Grabois possam ser visto pelos documentos do STM, eles suscitam perguntas que podem ser trabalhadas em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

GASPARI, E. A floresta dos homens sem alma. In: GASPARI, Elio. A Ditadura escancarada. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2ª ed., 2014. p. 407-473.
Memórias Reveladas, Arquivo Nacional (2010). Registro de Mortes, tabela comparativa. Acedido em 25 de Maio de 2014, em: <http://www.memoriasreveladas>.



13ª JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

arquivonacional.gov.br/multimedia/araguaia/araguaia.htm.

MORAIS, Thaís; SILVA, Eumano. Operação Araguaia: os arquivos secretos da guerrilha. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

MORAIS, Thaís. Sem vestígios: revelações de um agente secreto da ditadura militar brasileira. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois. Bol.Mus.Para.Emílio Goeldi Cienc.Hum., Belém, v.6, n.3, p.479-499, set./dez.2011.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, n.3, 1989.

THIESEN, Icléia. Documentos "sensíveis", arquivos "sensíveis: nem tesouros, nem miragens. Anais do XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação-ENANCIB. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012.